

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS TRADUZIDOS PARA LIBRAS EM VÍDEO NO DEPARTAMENTO DE LETRAS-LIBRAS (UFRJ) COMPARADO AO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE TRADUÇÕES EDITORIAIS ENTRE LÍNGUAS ORAIS

COMPARING THE PROCESS OF PRODUCTION OF TEXTS TRANSLATED INTO BRAZILIAN SIGN LANGUAGE –LIBRAS IN VIDEOS IN THE LIBRAS DEPARTMENT (UFRJ) WITH TEXTS TRANSLATED FROM A VOCAL LANGUAGE INTO ANOTHER FOR PUBLISHING HOUSES



Teresa Dias CARNEIRO
Professora Assistente 1
Pontifícia Universidade Católica do
Rio de Janeiro
Departamento de Letras
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
orcid.org/0000-0002-9774-1176
teresadcarneiro@gmail.com

Dafny Saldanha Hespanhol VITAL
Tradutora e Intérprete
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Departamento de Letras-Libras
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
orcid.org/0000-0003-2548-9925
dafny@letras.ufrj.br

Rodrigo Pereira Leal de SOUZA
Mestrando em Linguística
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Departamento de Letras-Libras
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
orcid.org/0000-0001-8334-1588
rodrigoleal@letras.ufrj.br

135

Resumo: O presente artigo visa analisar o processo de produção de textos traduzidos do português para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) adotado no Departamento de Letras-Libras da UFRJ e compará-lo com o processo de produção de traduções editoriais entre línguas orais. Com esse fim, descreveremos uma proposta metodológica de produção de textos traduzidos registrados em vídeos. Tais traduções envolvem um texto-fonte na modalidade escrita de uma língua oral, no caso, o português, e um texto-alvo, em uma língua de sinais, no caso, a Libras, registradas em vídeo. A metodologia descreve o processo desde o princípio, com o recebimento da demanda, e se desenvolve em diversas etapas: estudo do material, decupagem, tradução, revisão, filmagem, edição, conferência, refilmagem e entrega do material traduzido. Um dos objetivos da metodologia descrita é evitar que haja registros filmados do que seria, na verdade, uma interpretação simultânea. Buscaram-se processos que resultem em uma tradução, de fato, com todas as características peculiares de tal atividade. Tal metodologia foi elaborada a partir da experiência da equipe de tradução do Departamento de Letras-Libras, situado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, usando como base as reflexões de Stone (2009), Silvério *et al.* (2012), Marques e Oliveira (2012), Taveira *et al.* (2015), Hespanhol (2012), Galasso *et al.* (2018) e Pyfers (1999). Acreditamos que o processo aqui descrito possa ser aplicado a qualquer processo tradutório que tenha como ponto de partida uma língua escrita e como alvo uma língua de sinais, sem quaisquer alterações, a não ser as necessárias para adequação aos recursos disponíveis. Como na tradução editorial envolvendo duas línguas orais também são utilizadas etapas bem definidas para a produção do livro traduzido (tradução, preparação da tradução, revisões de prova, versão final da tradução), conforme Moraes (2015) e Machado (2018), foi empregado o método comparativo para alinhar as duas metodologias, a fim de perceber em quais aspectos a tradução de textos envolvendo uma língua de sinais se distingue da tradução editorial, e em quais aspectos ambos os processos se assemelham, lançando ainda mais luz ao primeiro processo. Nas considerações finais, foi dado destaque às funções que o tradutor desempenha em ambos os processos, incluindo uma crítica à falta de interação entre tradutor e revisores na tradução editorial.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Tradução em Libras. Tradução editorial.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Abstract: *This paper aims at analyzing the process of production of texts translated from Portuguese into Brazilian Sign Language (Libras) adopted by the Libras Department at UFRJ (Federal University of Rio de Janeiro) and compare it to the process of production of translations for publishing houses between vocal languages. For this purpose, we will describe a methodological proposition for the production of texts translated and recorded in video. Such translations involve a source text in an oral language presented in written — in this case, Brazilian Portuguese — and a target text in a sign language — in this case, Libras — recorded in video. The methodology describes the process from the very beginning — the reception of the order —, and evolves through several steps, such as: study of the material, *découpage*, translation, proof reading, shooting, editing, checking, re-shooting and delivery of the translated material. One of the objectives of such methodology is to avoid recording what would be in fact simultaneous interpretation. Processes resulting in a translation, with all peculiar features of such activity, were sought. This methodology has been elaborated based on the experience of the translation team of Libras Department, located at the School of Languages & Literatures of the Federal University of Rio de Janeiro, based on Stone (2009), Silvério et al.(2012), Marques e Oliveira (2012), Taveira et al. (2015), ^[10]Hespanhol(2012), Galasso et al.(2018), and Pyfers (1999). We believe that the process described in this article may be applied to any translation process having as source a written language and as target a sign language, with no alterations whatsoever, save for those arising from the adequacy to the resources at hand. As in the translation for publishing houses involving two vocal languages well-defined steps for the production of translated books (translation, editing, proofreading, final version of the translation) are also used, based on Moraes (2015) and Machado (2018), the comparative method to align both methodologies was employed. Our objective was to realize which features of the translation of texts into a sign language are different from or similar to those arising from the translation to publishing houses, aiming at clarifying even more the first process. In the final considerations, the roles performed by the translator in both processes — including a critical observation of the lack of interaction between translator and proof-readers in the publishing process — have been highlighted.*

Keywords: *Translation Studies. Brazilian Sign Language translation. Translation for Publishing Houses.*

136

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo descrever o processo de produção de tradução de textos do português brasileiro para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), por meio de vídeos. A metodologia aqui apresentada foi desenvolvida a partir da experiência, iniciada em 2016, da equipe de tradução do Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

As pesquisas no campo dos Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais (ETILS) são, em grande parte, voltadas para a atividade de interpretação simultânea, tendo em vista ser uma atividade mais recorrente e mais antiga do que a tradução no campo das línguas de sinais (ANATER; PASSOS; 2010). Isso se deve ao fato de as tecnologias que permitem o registro de línguas de sinais serem recentes, seja o registro em vídeo (FREITAS, 2019) ou em algum sistema de escrita de sinais¹ (CARDOSO, 2016). Por essa razão, o avanço tecnológico, a partir do final do século XX, tornou possível pensar em um registro durável por meio da gravação de vídeos e, com isso, foram desenvolvidas algumas pesquisas, que serão citadas adiante, envolvendo metodologias de tradução para as línguas de sinais com registro em vídeo. Todavia, se compararmos com as produções voltadas para as línguas orais, a

CARNEIRO, Teresa Dias; VITAL, Dafny Saldanha Hespanhol; SOUZA, Rodrigo Pereira Leal de. O processo de produção de textos traduzidos para Libras em vídeo no Departamento de Letras-Libras (UFRJ) comparado ao processo de produção de traduções editoriais entre línguas orais. *Belas Infêis*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 135-166, out./dez., 2020. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfeis.v9.n5.2020.31990

quantidade de pesquisas nessa temática orientadas às línguas de sinais, especificamente a Libras, ainda é muito menor. É nessa lacuna que se situa o presente trabalho.

Atualmente, o registro em vídeo é algo democrático por ser de amplo acesso e de fácil divulgação, uma vez que é possível encontrar diversas plataformas para hospedagem de vídeos, como as redes sociais ou sites específicos, como *YouTube*, *Vimeo*, entre outros. Nesse cenário, torna-se favorável pensar no registro de traduções em vídeo para a Libras e, com isso, realizar pesquisas sobre formas de viabilização de projetos dessa natureza.

Atualmente, apesar de ser em número reduzido, há pesquisas específicas falando de tradução envolvendo línguas de sinais e, dentre elas, pode-se destacar Stone (2009), que analisa tópicos relacionados à profissão do tradutor Surdo², assim como a maneira como questões culturais se apresentam em sua tradução, objetivando depreender normas de tradução Surdas a partir de várias perspectivas (noções de identidade e comunidade, características prosódicas, enriquecimento e empobrecimento linguísticos, etc.); Souza (2010), que disserta sobre temáticas relacionadas ao processo tradutório em si, investigando as performances do tradutor e Rocha (2017), que examina materiais didáticos em Libras para verificar a utilização de procedimentos técnicos específicos. Os trabalhos supracitados não englobam a totalidade de pesquisas existentes sobre a temática de tradução envolvendo uma língua de sinais, porém, embora não esgotem o assunto, nortearam a construção da metodologia que será descrita adiante. É possível notar que tais trabalhos se ocupam em descrever questões teóricas que envolvem geralmente o processo tradutório em si e menos questões, ou quase nenhuma, de descrição metodológica prática da produção de um projeto de tradução, de maneira global. Outros textos, como Silvério *et al.* (2012), Marques e Oliveira (2012), Taveira *et al.* (2015), Campello e Castro (2013), Segala (2010), Silva e Silva (2012), Krusser (2012), Saito, Scolari e Felício (2011) apresentam recortes do processo de produção de vídeos, discorrem sobre questões estéticas, de organização textual, mas não se ocupam, necessariamente, em detalhar o processo de produção da tradução do início ao fim, em razão dos respectivos objetivos dos trabalhos.

Os textos citados anteriormente foram utilizados como fonte de pesquisa para a criação da metodologia a ser descrita neste trabalho, todavia foram os trabalhos de Galasso *et al.* (2018)³ e Pyfers (1999) que tiveram maior influência no processo. Ambos os textos possuem uma descrição detalhada sobre a criação de traduções em línguas de sinais registrados no suporte vídeo. Acreditamos que a mesma metodologia seja aplicável ao

trabalho com quaisquer pares linguísticos, desde que partam de uma língua oral (na modalidade escrita) para uma língua de sinais, e desde que se proponha a ter como resultado final um vídeo.

Na seção 1, será discutida a diferença entre os conceitos de tradução e interpretação à luz da literatura. Na seção 2, será apresentada a metodologia, descrevendo as etapas desde o recebimento da demanda de tradução, passando pelo processo tradutório em si, filmagem, até a entrega do produto final, ou seja, o vídeo com a tradução em Libras. Na seção 3, serão descritas resumidamente as etapas de produção de um livro traduzido e, na seção 4, será feita uma comparação entre as etapas nos dois processos, a fim de ressaltar ainda mais as especificidades da atuação do tradutor de línguas de sinais. Finalmente, serão apresentadas considerações finais e questões futuras a serem aprimoradas a partir de propostas de estudos mais aprofundados sobre o tema.

1 Tradução e interpretação: qual a diferença?

138

De forma a compreender a metodologia de tradução proposta, cabe apresentar, aqui, uma discussão teórica que se consolida gradativamente. O campo dos Estudos da Tradução, conforme Baker (2001), abrange estudos relacionados à tradução de maneira geral, incluindo várias formas de interpretação oral. Há pouco mais de 25 anos,⁴os Estudos da Interpretação começaram a consolidar uma subárea dentro dos Estudos da Tradução com pesquisas mais voltadas para modelos que expliquem o processo cognitivo na interpretação, formação de intérpretes, desenhos curriculares dos cursos de formação, novas modalidades de interpretação e condições de trabalho dos intérpretes. A publicação de três dos mais importantes compêndios do campo dos Estudos da Interpretação, *The Interpreting Studies Reader* (2002), *Introducing Interpreting Studies* (2004) e *The Routledge Handbook of Interpreting* (2015), nesse período, serviu para apresentar um amplo panorama do tipo de pesquisas — e seus objetivos — realizadas contemporaneamente no campo.

Tradicionalmente, a diferença básica entre tradução e interpretação seria que a tradução envolve textos escritos e a interpretação, enunciados orais:

Em linhas gerais e para efeitos deste capítulo, chamamos de tradução a conversão de um texto escrito em uma língua, denominada língua de partida, para uma outra, designada língua de chegada; consideramos interpretação a conversão de um discurso oral, de uma língua de partida para uma língua de chegada. Em resumo, a tradução é escrita e a interpretação, oral. (PAGURA, 2015, p. 183).

Entretanto, segundo Rodrigues e Beer (2015), com a crescente produção de pesquisas sobre processos de tradução e interpretação envolvendo línguas de sinais, tais definições tradicionais têm sido consideradas inadequadas e devem ser repensadas. Para os autores:

[...] as pesquisas sobre a tradução e o traduzir e sobre a interpretação e o interpretar envolvendo línguas de sinais inscrevem-se, respectivamente, nos ET [Estudos da Tradução] e nos EI [Estudos da Interpretação] e se afirmam como um vertente específica ao trazer as implicações da modalidade gesto-visual a esses campos disciplinares, ampliando e diversificando suas possibilidades de análise e reflexão. (RODRIGUES; BEER, 2015, p. 23).

Já em 2004, Pöchhacker, incorporando as línguas de sinais, dizia:

Em contraste com o uso comum refletido na maioria dos dicionários, a “interpretação” não precisa ser necessariamente equivalente a uma “tradução oral” ou, mais precisamente, a uma “interpretação oral de mensagens faladas”. Isso excluiria a interpretação em línguas de sinais (em vez de línguas orais) do nosso escopo e tornaria difícil explicar as manifestações menos típicas de interpretação mencionadas à frente. (PÖCHHACKER, 2004, p. 10).⁵

139

Para isso, o autor recorre à conceituação de interpretação dada por Otto Kade, na década de 1960, para escapar da dicotomia oral versus escrito, a fim de abarcar essas “manifestações menos típicas de interpretação”. Assim, a definição da atividade de interpretação seria feita a partir de suas características principais, quais sejam: 1. o texto na língua-fonte é apresentado uma única vez e não pode ser revisado ou repassado; e 2. o texto na língua-alvo é produzido sob pressão de tempo, com poucas oportunidades de correção ou revisão. Com base nisso, o autor define interpretação como um tipo de tradução cujo enunciado é apresentado pela primeira e última vez com base em uma única apresentação na língua-fonte, chamando a atenção para o imediatismo na interpretação e sua qualidade de estar no “aqui e agora” (PÖCHHACKER, 2004, p. 10).

Uma linha de raciocínio análoga pode ser utilizada para pensar a atividade de tradução. O processo de tradução apresenta características que, comparativamente, diferem da interpretação. Utilizando as premissas apresentadas pelo autor supracitado, pode-se apontar que, durante a tradução, o texto-fonte fica integralmente disponível ao tradutor, que pode revisá-lo e relê-lo quantas vezes precisar, dentro do prazo contratado para o serviço. Além disso, a pressão do tempo não se apresenta como na interpretação, por isso, o tradutor pode corrigir e reexaminar o texto-alvo várias vezes, desde que tenha tempo para tanto no

CARNEIRO, Teresa Dias; VITAL, Dafny Saldanha Hespanhol; SOUZA, Rodrigo Pereira Leal de. O processo de produção de textos traduzidos para Libras em vídeo no Departamento de Letras-Libras (UFRJ) comparado ao processo de produção de traduções editoriais entre línguas orais. *Belas Infieis*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 135-166, out./dez., 2020. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfeis.v9.n5.2020.31990

cronograma de entrega do trabalho. Além disso, o produto final é construído para que seja registrado de modo permanente e, portanto, não efêmero.

Cabe ressaltar aqui que há a possibilidade de se fazer o registro permanente de uma interpretação, dado que, atualmente, é possível gravar a voz/filmar o intérprete. No entanto, pode-se perceber pelas principais teorias de interpretação, em especial, a Teoria do Modelo dos Esforços de Daniel Gile, que o ato de interpretar se dá a partir de esforços cognitivos muito característicos a essa atividade. Sendo assim, registrar uma interpretação não transforma aquele ato em uma tradução. A questão abordada sobre efemeridade/permanência e imediatismo está mais relacionada com o processo de produção que implacavelmente requererá refinamento maior do tradutor do que do intérprete, por todas as questões já apresentadas⁶.

Na Teoria do Modelo dos Esforços em interpretação (GILE, 2009), o autor ressalta como os muitos esforços envolvidos no processo de interpretação, principalmente simultânea, podem ocasionar erros ou omissões. Assim sendo, embora sejam esperados em interpretações, tais efeitos não são esperados em traduções em razão da instantaneidade do ato não existir nessa atividade, apesar de se ter um prazo para execução da tarefa (SILVÉRIO, *et al.*, 2012).

140

Considerando todas essas diferenças descritas ao longo desta seção, buscou-se uma metodologia de tradução, a ser apresentada neste trabalho, que mantivesse todas as características citadas de uma tradução, evitando qualquer lacuna que possa ser preenchida por ato interpretativo, visando ao maior requinte e rigor que o processo de tradução exige. Desse modo, trata-se de uma metodologia que não resulta em processos híbridos de tradução e interpretação, mas que abrange processos de tradução somente. Por esta razão, tal metodologia pode ser comparada aos processos de tradução entre línguas orais, como veremos nas seções adiante, que também não apresentam nenhuma característica de interpretação.

2 O processo de produção de uma tradução em Libras por meio de vídeo

No Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFRJ, a demanda por traduções para Libras é recente, tendo em vista que os cursos de graduação em licenciatura e bacharelado em Letras-Libras tiveram sua primeira turma composta em 2014. A partir desse surgimento de demandas, a atual equipe de tradução do Departamento iniciou um levantamento de pesquisas já realizadas a fim de buscar a melhor forma de atender a tais necessidades.

CARNEIRO, Teresa Dias; VITAL, Dafny Saldanha Hespagnol; SOUZA, Rodrigo Pereira Leal de. O processo de produção de textos traduzidos para Libras em vídeo no Departamento de Letras-Libras (UFRJ) comparado ao processo de produção de traduções editoriais entre línguas orais. *Belas Infieis*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 135-166, out./dez., 2020. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfieis.v9.n5.2020.31990

O ponto de partida, juntamente com os textos citados nas seções anteriores, foi a metodologia utilizada por (HESPANHOL, 2012) em seu trabalho de conclusão de curso para obtenção do grau de bacharel em Letras-Libras, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Foram utilizadas como base também as pesquisas de Galasso *et al.* (2018) e Pyfers (1999). A partir daí, a equipe definiu o que era viável com relação à infraestrutura disponível: pessoal limitado (dois tradutores e um técnico em audiovisual) e poucos equipamentos disponíveis (filmadora digital, *teleprompter*, dois refletores para iluminação e um tecido para fundo infinito (para realização de efeito *chromakey*⁷); e desenvolveu a metodologia que é utilizada hoje e que será descrita nesta seção.

Apesar disso, salientamos que o objetivo deste trabalho não é ser prescritivo, dado que existem diferentes realidades de produção. Acreditamos que é possível readaptar essa metodologia, posto que, quando as atividades de tradução foram iniciadas, os recursos materiais de que dispúnhamos não eram os mesmos de hoje e, ainda assim, a produção dos primeiros materiais não foi prejudicada.

É possível perceber que um dos cuidados do desenvolvimento da metodologia que aqui descrevemos é evitar o registro filmado de uma interpretação, isto é, evitar que a produção do texto consista apenas em filmar uma interpretação simultânea, permeada de decisões tradutórias durante a filmagem. Buscou-se realizar um processo de tradução que não apresentasse características híbridas, o que permite uma comparação com a tradução editorial, que igualmente, não tem características de interpretação.

141

2.1 As funções durante a produção da tradução

A equipe responsável pelos projetos de tradução é composta por: tradutores-apresentadores, supervisores de filmagem, revisores copidesques, revisores linguísticos e um técnico em audiovisual. Cabe salientar que Quadros e Souza (2008) propõe o termo “tradutor/ator”, que considera o registro em vídeo como um efeito de modalidade e utiliza a noção de *performance* utilizada por Novak (2005) para justificar o termo “encenação” inserido na terminologia. Entretanto, a fim de não colidir com a ideia de *interpretação cênica*, que envolve outras questões além da produção linguística (em qualquer modalidade), os autores deste texto utilizam o termo “tradutor-apresentador”, assim como Galasso *et al.* (2018), por se aproximar da ideia de leitura/apresentação do texto-alvo realizada no ato de registro por meio da filmagem.

Com exceção do revisor linguístico e técnico em audiovisual, todas as funções são realizadas por tradutores do Departamento de Letras-Libras (UFRJ), que se revezam ao longo do processo. Contudo, aquele que exercer a função de tradutor-apresentador será o profissional que se ocupará em elaborar a tradução em si, a partir da leitura e do estudo do texto-fonte, contando com o auxílio da equipe de consultoria, ao planejar como apresentar a tradução no vídeo.

O *revisor copidesque*, assim como tradicionalmente ocorre nas traduções entre línguas orais, conforme veremos mais adiante, é aquele que faz o cotejamento entre o texto-fonte e o texto-alvo (apresentado a ele ainda em forma de rascunho) e verifica questões tradutórias e/ou formas de potencializar aquele trabalho. Essa função não tem como objetivo validar ou avaliar a tradução realizada, mas, a partir do trabalho do colega tradutor-apresentador, apontar outras formas de tornar o texto virtualmente mais claro para o leitor. O revisor copidesque pode ser um terceiro tradutor, que atuará a fim de garantir maior lisura na revisão, ou pode ser o mesmo profissional que ocupará a função de supervisor da filmagem, caso necessário, por questões de prazo ou disponibilidade de pessoal.

142

O *revisor linguístico* analisa o texto traduzido e sugere alterações que possam torná-lo o mais natural possível na língua-alvo e mais próximo do público consumidor das traduções. Atualmente, essa revisão vem sendo realizada por professores de Libras surdos, dos cursos de Letras-Libras oferecidos pelo Departamento.

Depois de feitas as revisões, há o registro oficial da tradução. A filmagem é realizada pelo tradutor-apresentador, com auxílio do técnico em audiovisual, que atua como *cinegráfi*sta, e também do supervisor de filmagem. As edições finais desses vídeos também são realizadas pelo técnico em audiovisual.

O *supervisor de filmagem* é o tradutor responsável por acompanhar a filmagem oficial do texto e verificar se a sinalização (produção linguística na Libras língua de sinais) corresponde aos rascunhos já revisados, além de atentar para problemas de ordem técnica que possam acarretar a necessidade de refilmagem da cena, como falta de clareza na execução de um sinal ou erro em uma soletração manual. O trabalho do supervisor diminui drasticamente a necessidade de refilmagens posteriores.

O trabalho de Galasso *et al.* (2018, p. 65) utiliza a nomenclatura tradutor-supervisor, todavia a função contempla o apoio desse profissional durante a filmagem para “a clareza das informações, uso adequado do espaço e posicionamento”. Na metodologia aqui descrita, o

supervisor não irá verificar nenhuma questão quanto ao processo tradutório em si, uma vez que tal processo já fora verificado nas etapas de revisão anteriores à filmagem; por essa razão, adotamos o termo “supervisor da filmagem”.

Todas essas funções mencionadas são exercidas em diferentes etapas do processo, como será descrito a seguir. Esse processo é repetido a cada novo projeto, isto é, a cada novo texto a ser traduzido. A tabela a seguir apresenta um resumo das diferentes funções desempenhadas durante a elaboração das traduções.

Quadro 1 – Funções relacionadas ao processo de tradução de Português para a Libras

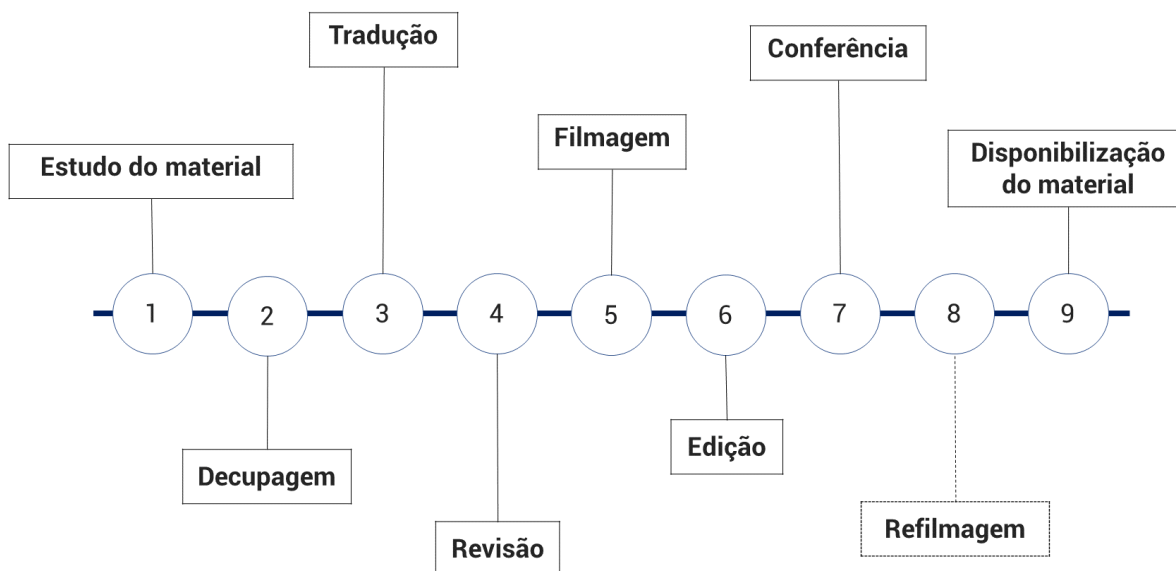
Função	Breve descrição
Tradutor-apresentador	Realiza a tradução propriamente dita, envia rascunhos para os revisores e faz as alterações devidas após as revisões. Também aparece na filmagem final apresentando o texto-alvo.
Revisor copidesque	Faz o cotejamento entre o texto-fonte e o texto-alvo, revisando a tradução e sugerindo alterações, quando necessário.
Revisor linguístico	Faz a análise do texto traduzido, buscando torná-lo o mais natural possível na língua-alvo além de revisar questões gramaticais da Libras.
Supervisor da filmagem	Acompanha as filmagens que fazem o registro oficial da tradução, assegurando que questões técnicas não passem despercebidas, evitando refilmagens.
Técnico em audiovisual	Atua como cinegrafista durante as filmagens que registram a tradução feita e também faz a edição dos vídeos.

Elaboração: os autores

2.2 As etapas de produção da tradução

A figura 1, abaixo, mostra as diferentes etapas do processo de tradução, na ordem em que acontecem.

Figura 1 - Etapas do processo de tradução para a Libras



Elaboração: os autores

2.2.1 Estudo do material

144

Semelhantemente a Galasso *et al.* (2018), o princípio do projeto de tradução se dá com o recebimento do material a ser traduzido. Nesse momento, o tradutor identificará o público-alvo a ser atendido pela tradução e como pretende executar o processo. No caso da equipe de tradução do Departamento de Letras-Libras, as solicitações são realizadas, em sua maioria, por professores dos cursos de graduação em Letras-Libras. Isso permite que o tradutor se familiarize com a intenção de uso do material pelo professor e que avalie o quanto isso impacta (ou não) o projeto. A partir de então, inicia-se o estudo do texto-fonte, de fato. A priori, a leitura é feita pelo tradutor sob a ótica de leitor, a fim de construir o sentido do texto a ser traduzido posteriormente.

Nesse momento, o tradutor procurará entender o objeto do texto, pesquisar suas referências, conceitos e terminologias apresentados na língua-fonte. Em um segundo momento, inicia-se o processo de *pensar* a tradução do texto, que inclui: como adequar o material ao público-alvo, questões estéticas de apresentação do vídeo, etc. Nessa etapa, começam também as buscas terminológicas na língua-alvo, processo que pode durar até o fim da tradução.

A partir da familiarização, pelo tradutor, do texto e de suas ideias para a tradução, passa-se à etapa seguinte: a decupagem.

2.2.2 Decupagem

O conceito de decupagem é originário da área de audiovisual. É definido por Xavier (2005) como “o processo de decomposição do filme (e, portanto, das sequências e cenas) em planos”. Nesse sentido, o recorte do texto em trechos menores (cenas) é realizado a fim de que o processo de filmagem seja mais ágil, para que o tradutor-apresentador não precise refilmar blocos grandes de texto a cada erro em sua execução durante a filmagem. Em geral, o texto é recortado em parágrafos, todavia, dependendo do tamanho dos parágrafos uma cena pode contar com a tradução de mais ou menos um parágrafo, desde que a construção possua sentido em si. Pyfers (1999) explica que o tamanho dos trechos dependerá do texto e que a divisão deverá considerar a lógica de construção textual assim como a facilidade que o tradutor terá em sinalizar aquele texto específico.

Além disso, a divisão de planos é pensada também nesta etapa, a fim de que permita a inserção de videografismos⁸(textos escritos, imagens, etc.). A utilização de videografismos nos vídeos traduzidos pode cumprir diversos propósitos como colaborar com a leitura de soletração manual (VELLOSO, 2015) ou sugerir ilustrações de vídeos/figuras, quando pertinente. A vantagem do uso da linguagem de vídeo é a multiplicidade de opções que podem contribuir com a leitura e o entendimento do texto pelo leitor da tradução. No entanto, cabe ressaltar que o uso de videografismos não é uma regra e, sim, uma alternativa da qual o tradutor pode lançar mão em seu trabalho, dependendo do tipo de modelo de tradução que adotar. Pyfers (1999) salienta que o uso de textos escritos na tela é comum em alguns vídeos para fins educacionais. Esses textos são apresentados alternada ou simultaneamente à sinalização e, ainda segundo Pyfers (1999), isso ajuda os espectadores a relacionarem a língua de sinais à língua oral.

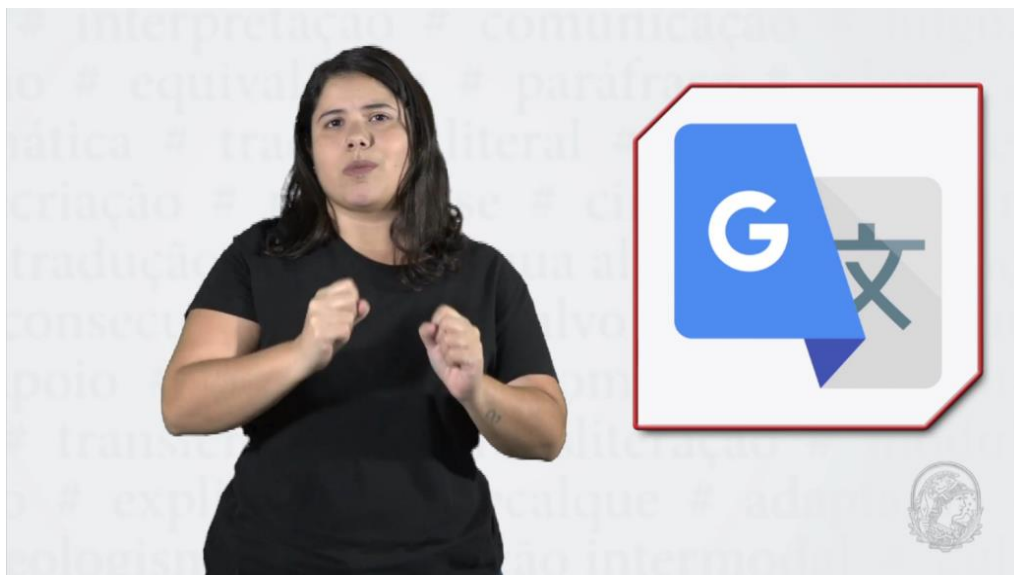
Abaixo, a tabela 2 mostra um exemplo de decupagem. A primeira coluna (denominada “vídeo”) contém as orientações de decupagem. Em seguida, a figura 2 mostra como as orientações da decupagem apresentam-se no vídeo final:

Quadro 2 – Exemplo de decupagem

VÍDEO	TEXTO-FONTE
PLANO MÉDIO TRADUTOR POSICIONADO À ESQUERDA DO VÍDEO IMAGEM: LOGO DO GOOGLE TRADUTOR	Os aspectos polissêmicos do uso do vocabulário, as figuras de linguagem, os jogos de palavras e outras complexidades normais nesses tipos de texto dificultam, ou tornam inócuo, o uso da tradução automática. Um exemplo de programa de tradução automática bem acessível hoje é Google Tradutor.

Elaboração: os autores

Figura 2 – Imagem do texto-alvo finalizado, seguindo as orientações da decupagem apresentadas no Quadro 2.



Fonte: CARNEIRO, Teresa D.; HESPANHOL, Dafny S.; LEAL, Rodrigo (2018). Outros tipos de tradução. Tradução de Helena Mora. [2018] Disponível em: <http://www.vialibras.letras.ufrj.br/index.php/outros-tipos-de-traducao>.

146

É interessante observar que a etapa da decupagem pode ser feita em separado da etapa de tradução em si ou concomitantemente, ou seja, realizar a decupagem ao passo em que o texto é traduzido.

2.2.3 Tradução

A etapa de tradução é o momento em que o processo tradutório se dá de fato, isto é, a fase na qual o texto-alvo ganha forma. Nesse momento, as buscas terminológicas se intensificam, pois, inicialmente, de modo geral investigam-se termos técnicos utilizados ao longo do texto-fonte; já nesta etapa, as buscas se dão a partir de entraves tradutórios encontrados.

Nessa etapa, é também realizada a filmagem dos vídeos-rascunhos, que serão enviados para os revisores posteriormente. Para a produção desses vídeos-rascunhos, o tradutor utiliza apenas o computador e inicia sua tradução com base no texto-fonte e na decupagem.

A tradução é iniciada a partir de uma notação escrita⁹ que utiliza palavras da língua portuguesa na estrutura sintática da Libras, tal como um processo mnemônico que permite ao tradutor lembrar do texto na língua-alvo que elaborou para a gravação do vídeo-rascunho. Cabe salientar que é importante ter cuidado na construção dessa notação a fim de que a

estrutura linguística da Libras não seja prejudicada e o texto acabe por utilizar uma espécie de interlíngua, conhecida como “português sinalizado”.

O sistema de filmagem de rascunho foi adotado após perceber-se que a revisão realizada após a filmagem oficial, como era feito a princípio, tornava o processo mais moroso, posto que havia mais filmagens oficiais — uma primeira filmagem e outras refilmagens para ajustes apontados pela revisão. Essa atividade depende de mais um profissional, iluminação específica, roupa adequada, cabelo, maquiagem, etc., o que tornava o processo mais demorado.

Os vídeos-rascunho, filmados cena a cena com a devida identificação, vão sendo armazenados em uma nuvem *online* até que todo o texto tenha sido traduzido. No caso da equipe de tradução em questão, a plataforma escolhida foi o *Google Drive*¹⁰. Cabe salientar que há total despreocupação estética com o vídeo-rascunho filmado: os vídeos são feitos pelo celular, sem fundo ou roupa específico(a) como ocorreria em uma filmagem oficial. O objetivo desses vídeos é apenas a revisão e o registro da tradução na língua-alvo, tendo em vista que, dependendo do tempo que leve o projeto, a notação adotada pode causar confusão na leitura, como pode ser percebido na tabela 3.

Quadro 3 - Exemplo de notação escrita que dará origem ao vídeo-rascunho

TEXTO-FONTE	NOTAÇÃO ESCRITA DA TRADUÇÃO
Consciência fonológica - isto é, a habilidade de prestar atenção aos sons da fala como entidades independentes de seu significado. A habilidade de reconhecer aliteração e rimas e a habilidade de contar sílabas nas palavras são alguns dos indicadores de consciência fonológica.	FONOLOGICA CD-NA-CABEÇA. O-QUE? ORALIDADE SOM (boia) PERCEBO ESSE SEPARADO SIGNIFICADO. EXEMPLO: CONSEGUE PERCEBER PALAVRA-FIM COMBINADA R-I-M-A. OU TAMBÉM PERCEBE A-L-I-T-E-R-A-Ç-Ã-O PALAVRA CONSOANTE REPETE REPETE REPETE. OU CONSEGUE PERCEBER PALAVRA PARTES S-Í-L-A-B-A. ISSO-TUDO MOSTRA FONOLOGIA CD-NA-CABEÇA.

Elaboração: os autores

2.2.4 Revisão

O processo de revisão é semelhante ao que ocorre nas traduções entre línguas orais, como veremos mais especificamente adiante neste artigo, e tem por finalidade verificar

CARNEIRO, Teresa Dias; VITAL, Dafny Saldanha Hespanhol; SOUZA, Rodrigo Pereira Leal de. O processo de produção de textos traduzidos para Libras em vídeo no Departamento de Letras-Libras (UFRJ) comparado ao processo de produção de traduções editoriais entre línguas orais. *Belas Infieis*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 135-166, out./dez., 2020. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfeis.v9.n5.2020.31990

questões de incompatibilidade entre os textos além de buscar potencializar o texto-alvo. O primeiro tipo de revisão é o copidesque, que consiste em um tradutor realizando o cotejamento entre o texto-fonte e o texto-alvo, a fim de verificar se há supressões ou acréscimos desnecessários, se há algum equívoco na tradução e possíveis sugestões a fim de melhorar a qualidade do texto-alvo. O segundo tipo é a revisão linguística, que consiste em analisar o texto enfocando questões gramaticais e sintáticas da língua-alvo. Esse segundo tipo é, atualmente, realizado por professores de Libras surdos do Departamento de Letras-Libras.

Após a devolução das revisões do texto-alvo, o tradutor-apresentador irá se debruçar novamente sobre o texto a fim de incorporar ou não as sugestões/orientações dos revisores em sua tradução. O tradutor-apresentador possui autonomia para avaliar as notas recebidas e definir como irá integrá-las ao seu trabalho, podendo rejeitar as que julgue não serem adequadas. Cabe ressaltar que caso haja alterações, novos vídeos-rascunhos serão gerados, a fim de registrar a nova versão do trecho alterado. Isso ocorre, pois esta é a última fase onde há, de fato, processo de tradução. Nesta etapa, também, finaliza-se todo o planejamento para a filmagem. Segundo Pyfers (1999), o planejamento leva entre duas e vinte vezes mais tempo do que a filmagem em si.

A partir deste momento, inicia-se a etapa de registro formal do texto-alvo e a pós-produção do material.

2.2.5 Filmagem

A filmagem consiste no registro formal em vídeo da tradução anteriormente registrada como vídeo-rascunho. Nesse ponto, a essência do texto-alvo está pronta, visto que já foi traduzido e revisado. Esse momento conta com a participação do tradutor-apresentador, do supervisor da filmagem e do cinegrafista.

No dia da gravação, o tradutor-apresentador deve usar vestimenta previamente acordada em equipe e trazer seu material-guia para a filmagem, ou seja, ter alguma estratégia elaborada e pronta para uso para que o texto-alvo, neste ponto já traduzido e revisado, seja exibido para o registro oficial. O material-guia pode ser os vídeos-rascunho, gerados na etapa anterior. Nesse caso, exhibe-se o vídeo-rascunho, que mostra o texto na língua-alvo, para que o tradutor-apresentador repita, agora em frente à câmera filmadora, a sinalização apresentada no rascunho. No entanto, é possível também fazer uso do *teleprompter*, onde notações escritas serão exibidas para que o tradutor-apresentador leia e produza os sinais correspondentes; ou

mesmo (no caso de tradutores-apresentadores ouvintes) de áudio¹¹ com a leitura da notação escrita, presente na planilha em que consta a decupagem do texto. Nesse último caso, o vídeo-rascunho passa a ter a função de conferência das escolhas lexicais realizadas nas etapas anteriores. Pyfers (1999) explica que se obtêm melhores resultados durante a filmagem quando o próprio apresentador organiza seu material guia para a filmagem ou quando o trabalho é feito por uma dupla que trabalha junto durante todo o processo. Além disso, cita também outros tipos possíveis de materiais guia: o uso de cartazes com palavras-chave ou glosas ou um “apresentador-sombra”, que fica próximo à câmera sinalizando o texto de forma que o apresentador consiga vê-lo sem perder contato visual com a câmera, semelhante à proposta de glosinais (CAMPELLO; CASTRO, 2013)

Pode-se comparar, nesta etapa, o trabalho do tradutor-apresentador como análogo ao de um apresentador de telejornal que, enquanto é filmado, lê no teleprompter, de modo geral sem acréscimos ou supressões, um texto previamente elaborado (por ele ou por outros profissionais). Do mesmo modo, durante a filmagem o tradutor-apresentador repete o que já fora preparado anteriormente em seu material guia. Dessa maneira, também é possível que o tradutor-apresentador não seja, necessariamente, o mesmo profissional que elaborou a tradução e o material guia em etapas anteriores, embora o mais usual seja um mesmo tradutor atuando nessa etapa.

O supervisor, além de acompanhar a filmagem e verificar possíveis equívocos na sinalização, garante que o texto-alvo registrado originalmente nos vídeos-rascunhos, e já revisado, não seja alterado durante a filmagem. Entende-se que a realização de alterações configuraria um processo de interpretação, visto que a alteração seria processada cognitivamente no momento da filmagem. Além disso, a supervisão garante que a revisão seja respeitada, já que quaisquer alterações feitas a partir dessa etapa não passariam pelo processo de revisão linguística/copidesque. A próxima etapa é a edição, da qual os tradutores não participam.

2.2.6 Edição

A edição do vídeo final é realizada por um profissional técnico em audiovisual concursado e lotado no Departamento de Letras-Libras. O processo segue as orientações dispostas na planilha de decupagem do texto, que é entregue para o editor após a filmagem. Posterior a essa etapa, há a última revisão.

CARNEIRO, Teresa Dias; VITAL, Dafny Saldanha Hespanhol; SOUZA, Rodrigo Pereira Leal de. O processo de produção de textos traduzidos para Libras em vídeo no Departamento de Letras-Libras (UFRJ) comparado ao processo de produção de traduções editoriais entre línguas orais. *Belas Infieis*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 135-166, out./dez., 2020. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfeis.v9.n5.2020.31990

2.2.7 Revisão Final

Após a fase de edição, o texto é repassado ao supervisor de filmagem para conferência, a fim de se certificar se o corte final segue as instruções da decupagem; conferir a estética do material e sugerir alterações, se necessário; e checar se ainda há alguma questão linguística grave que comprometa o texto-alvo, não percebida durante a filmagem. Nesse último caso, haverá necessidade de refilmagem.

No entanto, nossa experiência tem mostrado que dois fatores diminuem drasticamente a necessidade de refilmagens: realizar as revisões antes da filmagem oficial e garantir que a filmagem seja a exata reprodução do vídeo-rascunho, isto é, sem qualquer alteração que não tenha sido revisada. Desta forma, atualmente a necessidade de refilmagens é reduzida a razões técnicas (iluminação, qualidade de imagem, etc.).

2.2.8 Refilmagem

Etapa que ocorre apenas caso alguma questão seja notada durante a conferência. A partir de então, é necessário que o vídeo retorne para edição e novamente para a conferência. Não havendo necessidade de refilmagens, o vídeo está pronto para ser disponibilizado ao público.

2.2.9 Disponibilização do material

O projeto inicial consistia em disponibilizar a tradução de cada texto em um único vídeo no *YouTube*, plataforma de compartilhamento *online* de vídeos. Entretanto, verificou-se ao longo da produção das primeiras traduções que tais vídeos poderiam ficar muito longos e isso seria prejudicial à sua leitura¹². Ademais, a leitura do texto em vídeo dessa maneira poderia agravar a falta de autonomia do leitor se comparada à de textos escritos — em que o leitor pode parar e retomar facilmente sua leitura —, tal recurso não é possível utilizando a plataforma escolhida. Cabe salientar que essa questão fora discutida por outros autores (KRUSSER, 2012; SAITO, SCOLARI, FELÍCIO, 2011; VELLOSO, 2015), no entanto, as soluções propostas eram inviáveis na infraestrutura disponibilizada no Departamento.

Posteriormente, foi elaborada uma videoteca virtual¹³ (Videoteca Acadêmica em Libras) para disponibilizar as traduções realizadas pela equipe de tradução do Departamento de Letras-Libras, com todas as informações sobre o texto, além de um sumário utilizando os

CARNEIRO, Teresa Dias; VITAL, Dafny Saldanha Hespagnol; SOUZA, Rodrigo Pereira Leal de. O processo de produção de textos traduzidos para Libras em vídeo no Departamento de Letras-Libras (UFRJ) comparado ao processo de produção de traduções editoriais entre línguas orais. *Belas Infieis*, Brasília, v. 9, n. 5, p. 135-166, out./dez., 2020. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfieis.v9.n5.2020.31990

minutos dos vídeos como parâmetro. Dessa forma, o usuário possui maior autonomia de leitura dos textos em Libras, mesmo quando se tratarem de vídeos de longa duração.

3 O processo de tradução/revisão editorial nas línguas orais

Ao descrever o processo de tradução de português para Libras acima, tornou-se para nós inevitável mencionar os processos análogos que ocorrem na tradução e revisão editorial nas línguas orais. Como veremos a seguir, embora usem suportes e tecnologias diferentes, a tradução editorial nas línguas orais passa por processos semelhantes aos que descrevemos até aqui, demonstrando que as traduções para Libras e as traduções entre línguas orais seguem etapas que se assemelham, sem perder, contudo, suas especificidades. Para podermos compará-los com mais especificidade, passaremos a descrever as funções dos profissionais envolvidos e as etapas do processo tal como se dá na tradução/revisão editorial em línguas orais, segundo Moraes (2015) e Machado (2018).

Fala-se aqui em tradução e revisão editorial, pois é nesse nicho que existem mais profissionais envolvidos e etapas mais diferenciadas. Em outros tipos de tradução, muitas vezes é o próprio tradutor que faz a revisão de seu trabalho antes de entregar a tradução para o cliente final. Este único profissional pode (e deve) emular as etapas de tradução e revisão, procurando desempenhar funções distintas a cada etapa, mas nem sempre isso é possível, até por questões de prazo de entrega exíguo. Além disso, por ser o mesmo profissional desempenhando funções diferentes, nem sempre o tradutor possui o distanciamento necessário — e até mesmo os olhos e a mente descansados daquele texto — para não misturar as funções, mesmo sem querer. Por este motivo, escolhemos tratar da tradução editorial, em que a separação de profissionais por função é mais evidente, tornando mais clara a comparação com a metodologia para tradução de Libras em vídeo, descrita anteriormente.

151

3.1 As funções durante a produção da tradução

Descreveremos, nesta seção, os profissionais envolvidos em cada etapa e, na seção seguinte, as etapas propriamente ditas.

Distinguiremos nessas etapas pelo menos cinco profissionais diferentes: o editor, o tradutor, o preparador da tradução, o revisor de provas e o diagramador.

Depois de negociados os direitos autorais para tradução e assinado o contrato de tradução, o editor seleciona um tradutor em função das línguas de trabalho, afinidade com o

gênero e a temática do livro e experiência profissional. O livro, hoje normalmente em PDF, é enviado para o tradutor, que, após analisá-lo e aceitar as condições de pagamento e prazo, inicia o trabalho de tradução.

Durante a etapa de tradução, o tradutor editorial organiza sua dinâmica de trabalho como bem lhe aprouver. Ele pode fazer todas as pesquisas e buscas terminológicas conforme apareçam dúvidas ou pode acumular muitas dúvidas para fazer as pesquisas de uma só vez. Ele pode lançar mão de glossários anteriores ou criar um glossário para cada tradução. Os glossários podem ser organizados em tabelas em Word, Excel ou dentro de uma CAT Tool.¹⁴ Como se vê, o tradutor editorial tem muita liberdade para determinar seus métodos de trabalho. Uma diferença em relação ao processo descrito na seção anterior é que o tradutor editorial normalmente não lê e estuda todo o texto a ser traduzido antes de se lançar ao trabalho.

Uma vez entregue a tradução, usualmente o tradutor não participa das etapas posteriores do processo. O editor pode ler toda ou parte da tradução ou simplesmente passar diretamente para o preparador de tradução. Este profissional vai ser responsável pelo cotejamento entre o texto-fonte e o texto-alvo e terá duas funções principais: verificar a integridade do texto na tradução (se não houve saltos no texto) e as soluções de tradução. Muitas vezes, o preparador de tradução também exerce a função de tradutor de outros livros ou, mesmo que não seja o caso, possui conhecimentos sólidos das duas línguas envolvidas no processo. Este profissional trabalha acionando as marcas de revisão do Word alterando no próprio texto e/ou adicionando caixas de comentário, caso tenha dúvidas sobre escolhas tradutórias ou sobre o conteúdo traduzido para esclarecê-las com o editor ou com um revisor técnico, se for o caso.

Ao finalizar o seu trabalho, o preparador devolve o texto marcado para a editora e o editor irá verificar o que foi mudado — aceitando ou não as marcações — e resolver as dúvidas apontadas pelo preparador. O editor funcionará como uma espécie de “ponte” em cada etapa, verificando o trabalho feito, aceitando as mudanças ou voltando com o texto para o profissional anterior para resolver problemas tradutórios, linguísticos, gráficos ou de inconsistência.

Após aceitar as alterações na tradução, o editor envolverá o profissional técnico de design: o diagramador. Este, usando software de editoração, escolherá os aspectos estéticos do texto (tipo de letra, tamanho, espaçamento, grafismos etc.) e procederá à editoração dando ao

texto o formato de livro. Este profissional estará doravante presente na revisão de cada prova, incorporando as alterações no texto diagramado, chamadas “emendas”. Somente ele fará este trabalho de incorporação das emendas para evitar que vários arquivos em versões diferentes sejam manipulados por pessoas diferentes, aumentando exponencialmente a chance de ocorrerem erros no processo.

A partir daí, os revisores de provas trabalharão sempre em papel impresso ou em versões em PDF, e não em arquivos em Word, como os preparadores de tradução. Os revisores de provas serão tantos quantos necessários, mas pelo menos um, que irá verificar apenas no texto-alvo as questões normativas da língua-alvo, ortografia, pontuação e hifenação, e, por último, mas não menos importante, aspectos da padronização gráfica (cabeçalhos, negritos e itálicos, translineação, sumário, índice, paginação, etc.).

Depois de incorporadas as alterações pelo diagramador, outro profissional ou o mesmo revisor da prova anterior fará a batida das emendas, isto é, verificará se as alterações apontadas pelo revisor foram adequadamente incorporadas pelo diagramador. Ao final das revisões das provas, ocorre o fechamento e o arquivo eletrônico diagramado é enviado para a gráfica, junto com a arte da capa, quarta capa e orelhas. Todas essas etapas e funções estão explicadas em Moraes (2015) e em Machado (2018) e se apresentam nas grandes editoras, podendo variar apenas no número de revisões de prova.

No quadro abaixo, apresentamos resumidamente as funções dos cinco principais profissionais envolvidos no processo de produção do livro traduzido:

Quadro 4 – Funções relacionadas ao processo de tradução editorial

Função	Breve descrição
Tradutor	Realiza a tradução
Editor	Acompanha todas as etapas de produção do livro traduzido, desde a escolha do título e do tradutor até o fechamento do livro.
Preparador de tradução	Faz o cotejamento entre o texto-fonte e o texto-alvo, revisando a tradução e sugerindo alterações, quando necessário. Trabalha em arquivos Word.
Revisor de provas	Faz a análise do texto traduzido fazendo marcações em papel impresso ou em PDF. Suas alterações são de fundo linguístico ou de padronização gráfica.
Diagramador	Designer que trabalha na editoração do miolo do livro e incorpora as emendas apontadas pelos revisores de provas até o fechamento.

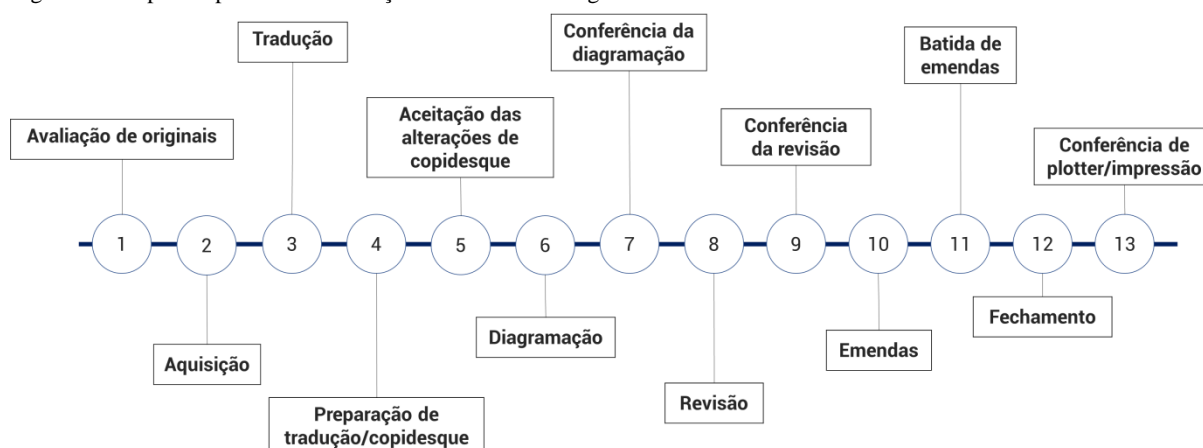
Elaboração: os autores

3.2 As etapas de produção da tradução

Allan Moraes (2015) identifica esquematicamente as etapas da cadeia produtiva dos livros originais em editoras da seguinte forma: original, edição, preparação, diagramação, revisão de 1ª prova, diagramação/correção, revisão de 2ª prova, diagramação/correção, geração de 3ª prova (ou tantas provas quanto necessárias) e impressão.

No caso dos livros traduzidos, as etapas poderiam ser descritas da seguinte forma: avaliação de originais, aquisição, tradução, preparação de tradução/copidesque, aceitação das alterações de copidesque, diagramação, conferência da diagramação, revisão, conferência da revisão, emendas, batida de emendas, fechamento e, por fim, conferência de plotter/impressão.

Figura 3 – Etapas do processo de tradução editorial entre línguas orais



Elaboração: os autores

As principais etapas serão descritas aqui de forma separada, por ser esta a forma mais didática de se apresentar o assunto. De fato, no dia a dia de uma editora, as etapas podem ser sobrepostas ou saltadas, principalmente se o prazo para publicação, por questões contratuais ou de lançamento, for muito curto. Resumindo, na produção de um livro traduzido, há, no mínimo, a tradução e duas revisões, uma com cotejo e outra apenas do texto-alvo, entremeadas de idas e vindas entre editor e diagramador.

3.2.1 Tradução

Na etapa de tradução, o tradutor recebe o livro original na língua-fonte em PDF ou livro físico. Este original geralmente acompanha todas as etapas, sendo utilizado pelos profissionais de várias formas. O tradutor e o preparador de tradução trabalharão tendo-o

como material de base, mas o diagramador poderá se basear na arte ou em aspectos da diagramação do original. O revisor pode precisar dele para tirar dúvidas. O tradutor trabalha em um processador de texto, em geral, o Word, e determina seus métodos e fluxo de trabalho como desejar, desde que o prazo combinado com o editor seja cumprido.

3.2.2 Preparação de tradução

O preparador ou copidesque¹⁵ recebe então o arquivo digital da editora, acompanhado ou não de recomendações do editor. O preparador fará alterações e adaptações diversas visando a aplicar normas específicas da editora, normatizar a obra de acordo com o manual de estilo da editora, numerar (para a diagramação) elementos como títulos, figuras e tabelas. Ele também conferirá dados diversos (datas, grafias de nomes próprios ou dará consistência à grafia dos nomes de personagens, fatualidade de eventos históricos e notícias, etc.). Por fim, poderá também criar um relatório para o editor da obra, justificando suas alterações ou chamando a atenção para algum aspecto mais capcioso (MORAES, 2015).

3.2.3 Edição

Nesta etapa, a edição será basicamente a aceitação ou não das alterações feitas pelo preparador. O editor está presente desde o início do processo, na escolha do título a ser traduzido, seleção do tradutor e contato com ele, recomendações feitas ao tradutor, interações com o tradutor durante a etapa da tradução e em todas as etapas intermediárias do processo completo.

3.2.4 Diagramação

A editora envia o arquivo digital em arquivo Word para o diagramador, que deve conceber o projeto gráfico e diagramar a obra usando softwares específicos próprios para livros (geralmente, o *Adobe InDesign*). O arquivo produzido pelo diagramador fica praticamente idêntico ao livro físico encontrado nas livrarias. Em seguida, o arquivo digital do diagramador é impresso em papel A4, passando a se chamar prova e podendo ser enviado para o revisor.

3.2.5 Revisão

Essa prova impressa em papel é enviada ao revisor. Muitas vezes, a prova vai acompanhada do arquivo marcado pelo preparador também impresso. Isso serve para que o revisor confira se elementos como itálicos, negritos, numerações, figuras, etc. foram efetivamente aplicados pela diagramação. O revisor usará sinais de revisão, isto é, sinais convencionados indicando o que o diagramador, ao receber a prova de volta, deverá modificar.

3.2.6 Conferência/batida de emendas

Depois que o diagramador recebe a prova revisada, ele aplicará correções e então ocorrerá a batida de emendas, isto é, a verificação se tudo que estava indicado pelo revisor foi devidamente incorporado pelo diagramador. A prova chega ao diagramador com todas as indicações do revisor (correções e sinais de revisão), que interpretará essas indicações e corrigirá os erros/fará ajustes no arquivo digital usando o software de diagramação (MORAES, 2015). Novas revisões, batidas de emendas e ajustes pelo diagramador podem ser necessários até que o livro esteja considerado pronto para impressão.

3.2.7 Impressão

Etapa final realizada na gráfica a partir de um arquivo digital enviado pelo diagramador, contendo o texto corrigido e a arte final. Depois do livro impresso, ele é distribuído até chegar aos pontos de venda ou é vendido diretamente pelas editoras, em seus sites na Internet ou pontos de venda próprios.

4 Comparação entre os processos

Ao comparar a metodologia de tradução da equipe do Departamento de Letras-Libras da UFRJ com a tradução editorial entre línguas orais, é preciso ter em mente algumas diferenças básicas: os gêneros textuais trabalhados, as condições de trabalho dos envolvidos e os meios de registro de cada tradução, conforme descrito no quadro 5.

Quadro 5 – Diferenças básicas entre tradução de Português para a Libras e tradução editorial

	Processo de tradução para a Libras (descrito neste trabalho)	Processo de tradução editorial entre línguas orais
Gêneros textuais	artigos, apostilas e materiais institucionais	Livro
Condições de trabalho	universidade - setor público	editoras - setor privado
Equipes de trabalho	tradutor-apresentador, revisor copidesque, revisor linguístico, supervisor da filmagem, técnico em audiovisual	tradutor, editor, preparador da tradução, revisor(es) de provas, diagramador
Meios de registro	vídeo	material impresso

Elaboração: os autores

Porém, apesar das diferenças serem patentes, acreditamos que os processos possam ser replicados em contextos diferentes, seja de condições de trabalho ou de gêneros textuais trabalhados. Escolhemos a tradução editorial para fazer esse comparativo porque este é o caso típico em que as funções ao longo do processo não são acumuladas em um mesmo profissional, facilitando a compreensão das etapas. Porém, tanto na tradução para a Libras quanto nas traduções entre línguas orais, o tradutor pode se tornar o responsável por todas as funções até o produto final. Nosso interesse é nos debruçarmos sobre os processos, a fim de trazer luz ao fato de, apesar de usarem meios de registro diferentes, serem processos análogos e fazerem parte de um mesmo campo de estudos. Percebemos, porém, que ambos os processos descritos no presente trabalho apresentam muitas semelhanças, como descreveremos também nesta seção.

Nos dois processos descritos, percebe-se a presença de profissionais de línguas (tradutores e revisores) e de pessoal técnico (técnico em audiovisual, no caso das línguas de sinais, e diagramador, no caso do processo editorial). O técnico em audiovisual só aparece ao final do processo de tradução de línguas de sinais para fazer a edição do vídeo, enquanto que o diagramador, na tradução editorial, é introduzido após a preparação e participará ativamente do processo daí em diante.

Outra diferença importante é que, no caso da tradução em línguas de sinais, o tradutor participará ativamente da maior parte do processo, chegando mesmo a ser o apresentador da tradução no vídeo. Tal participação acontece devido ao fato de tratar-se de uma língua visual registrada por meio de filmagem, o que exige a imagem do próprio tradutor-apresentador. Nas etapas intermediárias, o tradutor é quem vai incorporar as sugestões/orientações dos revisores,

e não o diagramador, como no processo editorial. Em contrapartida, o tradutor no processo editorial normalmente só participa da etapa da tradução propriamente dita, sem ser acionado no resto do processo. Essa é uma queixa recorrente dos tradutores — de não terem contato e interação com preparadores e revisores —, que podem gerar mudanças significativas no texto e até mesmo equívocos que ficarão sob a responsabilidade do tradutor aos olhos dos leitores e críticos, quando podem não ter sido produzidos por ele. Apesar de termos mencionado “equipes de trabalho” no Quadro 5, no caso da tradução editorial, não há de fato um trabalho em equipe no sentido de troca de ideias, como necessariamente ocorre na tradução de línguas de sinais descrita na seção anterior. O que acontece na prática é uma sequência de tarefas que são passadas subsequentemente para diferentes profissionais, conforme o processo de produção do livro traduzido avança, em que o tradutor não toma conhecimento de quem serão os preparadores e revisores do texto de que é coautor, impossibilitando o contato com eles, a discussão sobre diferentes soluções tradutórias ou de pesquisa e a uma concordância final por parte do tradutor. Como o público em geral não conhece o processo de produção de um livro traduzido e os críticos de tradução, mesmo conhecendo-o, o ignoram em suas críticas de tradução, responsabilizam o tradutor por todas as escolhas contidas no texto traduzido. Diante desse estado de coisas, entendem-se perfeitamente os questionamentos apresentados por Regina Alfarano (2003) a seguir:

Tal cenário exige, nos dias de hoje, um componente fundamental na tradução: a revisão. Fundamental, complexo e problemático. Quem revisa o texto? Quantas pessoas revisam o texto? Com que grau de autonomia? Quais os passos seguidos no processo de revisão? De quem é a responsabilidade final? Quem assume esta responsabilidade? Um profissional sem o perfil definido ou os “especialistas” no meio do caminho? O dia-a-dia dos tradutores inclui, hoje, mais este componente: o passar das cenas tem bastidores que podem nos tirar o sono, até trazer pesadelos. (ALFARANO, 2003, p. 42-43).

A função do supervisor na tradução de línguas de sinais guarda alguma semelhança com a função do editor, não tendo, contudo, sua abrangência em todas as etapas de produção. O supervisor atua especificamente na etapa de filmagem, apontando inconsistências. De qualquer forma, os dois atuam para assegurar a qualidade da tradução, o primeiro atuando especificamente na etapa de filmagem e o segundo em todo o processo editorial. Nesse sentido, vemos que o tradutor de línguas de sinais atua também como “editor”, acompanhando e atuando em todas as etapas, do início ao fim. Na tradução editorial, o tradutor atua em

apenas uma etapa do processo, cabendo ao editor ser o profissional que tem a visão mais geral do processo.

A semelhança mais marcante nos dois processos é, sem dúvida, a existência de duas revisões, uma que coteja os dois textos e outra que atua mais especificamente sobre o texto-alvo. As revisões, se feitas por profissionais diferentes, possibilitarão uma melhor qualidade ao trabalho, nos dois processos. As diferentes funções do preparador ou copidesque e do revisor de provas ou linguístico foram explicitadas nos Quadros 1 e 4. Enquanto o primeiro tem por foco as soluções tradutórias entre o par de línguas em questão, o segundo tem por foco a adequação às regras gramaticais e sintáticas da língua-alvo, garantindo que o texto-alvo seja idiomático na língua-alvo, sem espelhar a língua de partida. O revisor linguístico das traduções realizada no âmbito do Departamento de Letras-Libras é um dos professores de Libras com experiência com tradução de Libras em outros espaços de trabalhos, a fim de proporcionar as melhores escolhas segundo o uso da língua. Nesse caso específico, tendo em vista que não há tradutores surdos concursados para a função de tradutor-intérprete de Libras no Departamento, a equipe assegurou-se de que o revisor fosse um professor surdo com experiência em tradução para que houvesse um olhar de alguém que seria falante da Libras, e portanto que apresentasse um olhar mais próximo ao do público-alvo do material, mas também tivesse conhecimento dos processos de tradução e já tivesse tido a oportunidade de trabalhar em equipes de tradução em outras situações profissionais. Porém, nada impede que um ouvinte com sólido domínio da Libras e do português e experiência com tradução desempenhe tal função. O revisor de provas no processo editorial é alguém com sólido domínio da norma culta da língua portuguesa, mas nada impede que seja um estrangeiro proficiente em língua portuguesa atuando nessa etapa.

Outro ponto interessante a ser observado é a introdução de um elemento artístico/visual nos dois casos. A tradução de português-Libras de fato não envolve apenas texto escrito e texto sinalizado, mas também elementos gráficos e visuais que, de forma semelhante à arte do livro feita pelo diagramador/designer, incorpora elementos gráficos e visuais que também contribuirão com o texto e com a criação de certa ambiência estética, tão importante para os leitores.

Quadro 6 – Semelhanças básicas entre tradução de Português para a Libras e tradução editorial

Tradução para a Libras (descrita neste trabalho)	Tradução editorial entre línguas orais
Profissionais de línguas (tradutores e revisores) e profissional técnico (técnico em audiovisual)	Profissionais de línguas (tradutores e revisores) e profissional técnico (diagramador)
Profissional técnico (técnico em audiovisual) atua em poucas etapas do processo	Profissional técnico (diagramador) atua em muitas etapas do processo
Tradutor atua em quase todas as etapas do processo	Tradutor atua em uma única etapa do processo (a tradução propriamente dita)
Supervisor trabalha para assegurar a qualidade do registro final da tradução	Editor trabalha para assegurar a qualidade do produto final da tradução
Duas etapas de revisão: uma etapa de copidesque (cotejamento entre texto-fonte e texto-alvo) e uma voltada somente para o texto-alvo	Duas etapas de revisão: uma etapa de copidesque (cotejamento entre texto-fonte e texto-alvo) e uma voltada somente para o texto-alvo
Inserção de elementos artísticos/visuais	Inserção de elementos artísticos/visuais

Elaboração: os autores

Considerações finais

160

Buscou-se com este trabalho descrever detalhadamente uma metodologia de tradução de texto escrito para vídeo em uma língua de sinais, desenvolvida pela equipe de tradução do Departamento de Letras-Libras, localizado na Faculdade de Letras da UFRJ. Um dos objetivos da metodologia descrita é evitar que haja registros filmados do que seria, na verdade, uma interpretação simultânea. Buscaram-se processos que resultem em uma tradução, de fato, com todas as características peculiares de tal atividade.

Em paralelo, foram identificadas as etapas e funções dos diferentes profissionais na tradução editorial de línguas orais, com o intuito de mostrar semelhanças patentes nos dois processos, bem como características diferenciadoras. A diferença mais clara entre os dois processos, é, sem dúvida, a atuação do tradutor de língua de sinais (que faz as vezes de “editor”), muito mais abrangente do que a do tradutor editorial nas línguas orais.

Percebe-se ainda um ganho na tradução para Libras, pois tradutor e revisores têm interação muito maior. Isso acontece porque os comentários dos revisores são sempre sugestões, permanecendo com o tradutor a tomada de decisões. Na tradução editorial entre línguas orais, muitas escolhas feitas anteriormente pelos tradutores acabam sendo apagadas ou modificadas pelos revisores ao longo do processo, sem que os tradutores voltem a ser consultados.

Cabe salientar que, embora a metodologia descrita neste trabalho se desenvolva no par linguístico Português-Libras, tal metodologia é facilmente aplicável a qualquer processo tradutório que tenha como ponto de partida uma língua escrita e como alvo uma língua de sinais, sem quaisquer alterações.

Tal metodologia permanece em constante desenvolvimento, visto ser possível adequá-la a diferentes realidades e demandas. Algumas possibilidades de pesquisa que este trabalho traz envolvem questões acerca da construção de textos em diferentes gêneros textuais em Libras, sobre tradução intersemiótica como um componente de traduções apresentadas em vídeos, além de verificação da aceitabilidade e recepção do público-alvo em relação à apresentação estética dos vídeos.

Comparar os processos traz luz às diferenças e semelhanças, importantes para entender como as etapas de um e outro processo podem ser enriquecidas, observando-se como se faz no outro processo e o que funciona a contento. Nosso objetivo ao comparar foi não com o intuito de estabelecer quem faz melhor, mas para entender especificidades e questionar se o atual estado de coisas é mesmo o ideal.

161

REFERÊNCIAS

ALFARANO, Regina. Entrevista. In: BENEDETTI, Ivone C.; SOBRAL, Adail (orgs.) *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 33-44.

ANATER, Gisele. I. P.; PASSOS, Gabriele C. R. Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais: história, experiência e caminhos de formação. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 26, p. 207-236, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p207>. Acesso em: 4 jun. 2020.

BAKER, Mona (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation*. 2. ed. London: Routledge, 2001.

BROWN, Keith; MILLER, Jim. *The Cambridge Dictionary of Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

CAMPELLO, Ana Regina S. e; CASTRO, Nelson P. de. Introdução da glosinais como ferramenta de tradução/interpretação das pessoas surdas brasileiras. *Revista Escrita*, [S.L.], v. 2013, n. 17, p. 1-14, 10 dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17771/pucrio.escrita.22338>. Acesso em: 17 abr. 2020.

CARNEIRO, Teresa D.; HESPANHOL, Dafny S.; LEAL, Rodrigo. Outros tipos de tradução. Tradução de Helena Mora. [2018] Disponível

em: <http://www.vialibras.lettras.ufrj.br/index.php/outros-tipos-de-traducao>. Acesso em: 12 set. 2019.

CAMPOS, Geir M. *et al.* Sistema para composição de estúdios virtuais utilizando técnicas de realidade aumentada. *In: SYMPOSIUM ON VIRTUAL AND AUGMENTED REALITY*, 12., 2010, Natal. *Proceedings [...]*. Natal: UFMG, 2010. p. 22-30.

CARDOSO, Alexandre B. da R. *Vídeo registro em Libras: uma proposta de acesso ao pensamento original aos surdos*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/169221/342132.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 abr. 2020.

FREITAS, Luiz Carlos B. de. *Interação em sala de aula em Libras e Português com experiências transidiomáticas: enquadres de professor e alunos surdos e ouvintes*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46655/46655.PDF>. Acesso em: 9 set. 2020.

GALASSO, Bruno J. B. *et al.* Processo de produção de materiais didáticos bilíngues do Instituto Nacional de Educação de Surdos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 24, n.1, p. 59-72, mar. 2018.

162

GILE, Daniel. *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*. Amsterdam/New York: John Benjamins Publishing Company, 2009. 287 p.

HESPANHOL, Dafny S. *Tradução comentada do texto “Do patológico ao cultural na surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas” – Audrey Gesser*. Trabalho de Conclusão de Curso – UFSC, Florianópolis, 2012.

KOCH, Ingedore G. V. O texto: construção de sentidos. *Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Rio Grande do Sul*, v. 9, n. 23, p. 21-27, dez. 1995.

KRUSSE, Renata S. Elementos de design editorial na tradução didática Português/Libras. *In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA*, 3., 2012, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2012. p. 1-7.

MACHADO, Carolina. *Manual de sobrevivência do revisor iniciante*. Belo Horizonte: Moinhos, 2018.

MARQUES, Rodrigo R.; OLIVEIRA, Janine S. de. A normatização de artigos acadêmicos em Libras e sua relevância como instrumento de constituição de corpus de referência para tradutores. *In: III Congresso nacional de pesquisas em tradução e interpretação de libras e língua portuguesa*, 2012, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2012. p. 1-7.

MIKKELSON, Holly; JOURDENAIS, Renée *The Routledge Handbook of Interpreting*. New York: Routledge, 2015. 455 p.

MORAES, Allan. *Quer ter um livro de qualidade? Siga estes passos*. [2015] Disponível em: <https://revisaoparaque.com/blog/quer-ter-um-livro-de-qualidade-siga-estes-passos>. Acesso em: 9 set. 2020.

PAGURA, Reynaldo J. Tradução & interpretação. In: AMORIM, Lauro M.; RODRIGUES, Cristina C.; STUPIELLO, Érica. N, de A. (org.). *Tradução & perspectivas e práticas teóricas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 183-207

PÖCHHACKER, Franz. Evolution of Interpreting Research. In: MIKKELSON, H.; JOURDENAIS, R. (eds.) *The Routledge Handbook of Interpreting*. New York: Routledge, 2015, p. 62-76.

PÖCHHACKER, Franz. *Introducing Interpreting Studies*. 2. ed. New York: Routledge, 2004. 251 p.

PYFERS, Liesbeth. *Guidelines for the Production, Publication and Distribution of Signing Books for the Deaf in Europe*. Signing Books Project, Netherlands, 1999. Disponível em: https://www.sign-lang.uni-hamburg.de/signingbooks/sbrc/pdf/del_71.pdf. Acesso em: 27 abr. 2020.

QUADROS, Ronice M. de; SOUZA, Saulo X. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras-Libras. In: QUADROS, Ronice M. de (org.). *In: Estudos Surdos III*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008. p. 168-207. (Série Pesquisas).

163

ROCHA, Francine A. Tradução de materiais didáticos para Libras: políticas de educação e de tradução em questão. In: ALBRES, Neiva de A. (Org.). *Libras e sua tradução em pesquisa: interfaces, reflexões e metodologias*. Florianópolis: Biblioteca Universitária UFSC, 2017, p. 150-175.

RODRIGUES, Carlos H.; BEER, Hanna. Os estudos da tradução e da interpretação de Línguas de Sinais: novo campo disciplinar emergente?: novo campo disciplinar emergente?. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-45, jul. 2015.

SAITO, Daniela S.; SCOLARI, Sérgio H. P.; FELÍCIO, Márcia D. O design de material didático e o processo de tradução/interpretação (Libras/Português): uma aproximação possível. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SISTEMAS MULTIMÍDIA E WEB, 17., 2011, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Biblioteca Digital Brasileira de Computação, 2011. p. 35-38.

SEGALA, Rimar. *Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para língua brasileira de sinais*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94582>. Acesso em: 9 set. 2020.

SILVA, Claudney M. O.; SILVA, Sofia O. P. A. C. Tradução de provas para Libras: uma proposta metodológica: uma proposta metodológica. In: CONGRESSO NACIONAL DE

PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 3., 2012, Florianópolis. *Anais [...]*, Florianópolis: UFSC, 2012. p. 1-8.

SILVÉRIO, Carla C. de P. *et al.* Reflexões sobre o processo de tradução-interpretação para uma língua de modalidade espaço-visual. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 3., 2012, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2012. p. 1-7

SOUZA, Saulo X. *Performances de tradução para a língua brasileira de sinais observada no curso de Letras-Libras*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução: Lexicografia, Tradução e Ensino de Línguas Estrangeiras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94642>. Acesso em: 9 set. 2020

STONE, Christopher. *Toward a Deaf Translation Norm*. Washington D.C.: Gallaudet University Press, 2009. 200 p. (Studies in Interpretation).

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

164

TAVEIRA, Cristiane. *et al.* Novas tecnologias na produção de monografias em Libras com alunos do INES: língua de sinais, performance surda e o uso do vídeo digital. In: ROSADO, Luiz A. da S.; FERREIRA, Giselle M. dos S. (Org.). *Educação e tecnologia: parcerias*. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 2015, p. 142-186.

VELLOSO, Bruno P. *et al.* *Processo de design instrucional no desenvolvimento de objetos de ensino e aprendizagem bilíngues (Libras – Português)*. Congresso Nacional de Ambientes Hiperfídia para Aprendizagem, 7, 2015. São Luís: UFMA, 2015. p. 1-10.

ZORNOZA, Beatriz H. *Grafismo audiovisual: El lenguaje efímero: Recursos y estrategias*. 2008. Tese (Doutorado – Curso de Belas Artes) – Universitat Politècnica de València, Valencia, 2008.

¹ Os autores reconhecem que existem, entre outros, o sistema SignWriting e o sistema ELIS (Escrita das Línguas de Sinais), entretanto o presente artigo se debruça apenas sobre o trabalho envolvendo registro em vídeo, dado ser esta a realidade da instituição em que se desenvolveu a metodologia descrita aqui.

² A denominação “Surdo” aqui é grafada em maiúscula tal como no texto de Stone (2009) –*Deaf translator*– visando a enfatizar respeitosamente o pertencimento a uma minoria linguística e cultural, em contraponto à denominação “surdo”, grafada em minúscula, ao se referir simplesmente ao status médico audiológico de uma pessoa que tem perda auditiva. Para saber mais sobre o assunto, ver Strobel (2008, p. 29-35.)

³ Cabe salientar que, para a elaboração desta metodologia, o grupo de profissionais do Núcleo de Educação Online do Instituto Nacional de Educação de Surdos (NEO/INES) foi consultado, pois, à época, desenvolviam também uma metodologia de tradução própria. Tal metodologia foi publicada posteriormente (cf. GALASSO *et al.*, 2018). A eles, em especial aos tradutores Mônica Souza e Rafael da Mata, os autores registram aqui seu agradecimento.

⁴ Foi no Congresso de Estudos da Tradução de 1992 em Viena, cujos palestrantes da plenária incluíam Daniel Gile assim como Hans Vermeer e José Lambert, que foi sugerida a subdisciplina dos “estudos da interpretação” dentro dos Estudos da Tradução em rápido crescimento. (PÖCHHACKER, 2015, p. 66)

⁵ Em inglês: “*In contrast to common usage as reflected in most dictionaries, ‘interpreting’ need not necessarily be equated with ‘oral translation’ or, more precisely, with the ‘oral rendering of spoken messages’. Doing so would exclude interpreting in signed (rather than spoken) languages from our purview, and would made it difficult to account for the less typical manifestations of interpreting mentioned further down.*” (Tradução nossa).

⁶ Cabe salientar que existem registros de metodologias que apresentam características híbridas tanto de tradução quanto de interpretação (cf. SILVÉRIO *et al.*, 2012), todavia o enfoque da proposta metodológica descrita no presente trabalho é em um processo com características apenas de tradução. Por essa razão, tais metodologias não serão discutidas.

⁷ *ChromaKey* é uma técnica em que a filmagem é realizada em frente a um fundo de cor específica e, então, separa-se o plano de fundo original para inserir um cenário virtual, a partir de efeitos visuais, criando um novo plano de fundo (CAMPOS *et al.*, 2010).

⁸ Para mais informações, ver Zornoza (2008).

⁹ Os autores deste trabalho optaram por se referir a esta prática como “notação escrita” e não como “glosa”, tendo em vista entenderem o conceito de glosa como: “Uma tradução aproximada de uma palavra, frase ou oração de uma língua para outra, a fim de explicar o significado da unidade e apresentar sua estrutura.” (BROWN; MILLER, 2013, p.193, tradução nossa). O objetivo da notação não se vincula à questão semântica, mas tem função de descrever a forma de seu equivalente na língua-alvo, funcionando como pista mnemônica para realização do sinal da Libras, como é possível perceber na relação entre a palavra “consciência” e a notação “CD-NA-CABEÇA”, exemplificada na tabela 3.

¹⁰ Disponível em: <https://www.google.com.br/drive/apps.html>.

¹¹ Vale destacar que nesta etapa não deverá haver acréscimos, supressões ou quaisquer alterações no texto revisado a fim de manter a idoneidade da tradução sem interferência do processo de interpretação. Mesmo utilizando áudio como material-guia, o supervisor da filmagem continua na incumbência de conferir a sinalização com os rascunhos, seja o guia em áudio, sejam notações escritas ou vídeo, assegurando que haja apenas reprodução do que já foi pensado nas etapas anteriores.

¹² Entende-se texto aqui como uma atividade verbal, sendo “qualquer expressão de um conjunto linguístico numa atividade de comunicação” (SCHMIDT, 1978 *apud* KOCH, 1995, p. 22). Sendo assim, é possível pensar em leitura, mesmo que não seja de um texto impresso.

¹³ Disponível em: <http://www.vialibras.letas.ufrj.br>

¹⁴ CAT (Computer-Assisted Translation) Tool é um software de tradução que guarda em sua memória as soluções de tradução dadas pelo tradutor que o utiliza, apresentando-as quando se repetem total ou parcialmente, e apresentando a possibilidade de elaborar glossários a partir das equivalências estabelecidas.

¹⁵ Segundo MACHADO (2018), os dois termos podem ser entendidos como sinônimos ou como funções diferentes. Neste artigo, trataremos sempre como sinônimos.

NOTA DOS AUTORES

Teresa Dias CARNEIRO – Doutora em Letras (2014) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Letras (1999) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especialista em Tradução Inglês-Português (1997) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Especialista em Tradução Francês-Português (1992) pela Universidade Federal da Bahia. Licenciada em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas (2017) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Bacharel em Economia (1983) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2583988759143754>

ORCID: orcid.org/0000-0002-9774-1176

E-mail: teresadcarneiro@gmail.com

Dafny Saldanha Hespanhol VITAL – Especialista em “Libras: ensino, tradução e interpretação” (2015) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bacharel em Letras-Libras, em 2012, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada e em Turismo (2013) pela Universidade Federal Fluminense. Tradutora e intérprete de Libras<=>Português na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Letras-Libras, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4295354219600730>

ORCID: orcid.org/0000-0003-2548-9925

E-mail: dafny@letras.ufrj.br

Rodrigo Pereira Leal de SOUZA – Mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bacharel em Letras-Libras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017). Tradutor e intérprete de Libras<>Português na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Letras-Libras, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8820284885163568>

ORCID: orcid.org/0000-0001-8334-1588

E-mail: rodrigoleal@letras.ufrj.br